

1
Emmett

Será isto o princípio do fim?

Parece o princípio do fim.

Quando *saberei* que será este o meu destino? Que será este o meu último primeiro dia aqui? A minha última primeira reunião de *staff*? O meu último primeiro «olá» aos colegas que não vejo há meses?

O defeso nunca me pareceu tão curto.

Normalmente, mal posso esperar pelo regresso do basebol, a contar os dias até ao fim do inverno, mas este ano não. Este ano, senti pavor da ideia de regressar ao meu escritório no estádio, sabendo que todos os meus movimentos vão ser analisados.

Esta época, tenho uma chefe novinha em folha, uma chefe que já não me considera a pessoa ideal para o cargo de treinador principal da equipa da MLB de Chicago, mesmo estando a exercê-lo há sete anos.

Esta manhã, a sala de visionamento fervilha com o burburinho. Toda a gente que trabalha para os Windy City Warriors, exceto os jogadores, está enfiada nos assentos dispostos em anfiteatro. Esta é a sala que usamos para rever as filmagens dos jogos para nos prepararmos para os próximos adversários, ou quando é necessária uma sessão individual com os jogadores para se fazerem correções.

Contudo, hoje estamos aqui como sardinhas enlatadas para a nossa primeira reunião com a nova dona da equipa.

A Reese Remington.

A mulher de trinta e cinco anos é neta do dono anterior, o homem que ocupou o cargo durante quase tanto tempo quanto eu tenho de vida, um dono que me permitiu gerir a minha equipa como achasse adequado.

A neta, no entanto, a julgar pelas nossas interações na época passada, quando estava simplesmente a receber formação para assumir a liderança, vai ser tudo menos uma dona ausente.

O Kai dá-me uma leve cotovelada do seu lugar ao lado do meu.

— A que horas queres que nos encontremos amanhã para rever a potencial lista de lançadores para o jogo?

— Lá para as onze e meia.

— É possível que traga o Max. Espero que não te importes.

Lanço um olhar inexpressivo ao meu futuro genro.

— Claro que não me importo, Ace.

— Não me parece que possas continuar a chamar-me Ace. Vais ter de encontrar um novo ás do lançamento esta temporada. Só temos de descobrir quem.

— Tu serás sempre o Ace. Boa sorte para o próximo.

O Kai, ou Ace, como lhe chamamos, foi o lançador estrela dos Windy City Warriors desde que se juntou à equipa há uns anos. Isto é, até se ter reformado no final da época passada, deixando-me sem o meu lançador preferido.

Mas, por muito que vá sentir falta de poder contar com ele para alguns inícios de jogo, tenho ainda mais orgulho nele por tomar a melhor decisão para a sua família. Sobretudo porque essa família inclui agora a minha filha.

Há uns anos, os dois conheceram-se quando a Miller passou o verão a trabalhar como ama do filho do Kai, e o resto é história. Não conseguia imaginar melhor homem para a minha menina. E agora, vendo a Miller tão calma e em paz aqui em Chicago com ele e o Max, é-me difícil recordar a menina selvagem que criei, que nunca se sentiu em casa em lado nenhum.

Por muito orgulho que tenha no Kai, pela sua decisão de parar de jogar quando sentiu que devia fazê-lo, a verdade é que ele já sentia falta do jogo antes de o treino da primavera ter sequer acabado. Assim,

embora já não o possa ter no meu plantel, agora tenho-o no meu *staff* técnico.

É a vantagem de ser o treinador principal de uma equipa de basebol da Major League. Posso contratar o meu próprio *staff* e não há ninguém mais qualificado para ser o meu novo treinador de lançamentos do que o Kai Rhodes.

A porta da sala apinhada e ruidosa abre-se e sinto o meu corpo contrair de imediato, à espera *dela*, mas quando entra uma ruiva baixinha com um rabo de cavalo saltitante e três cafés equilibrados nas mãos, relaxo de novo na minha cadeira.

— Perdi alguma coisa? — pergunta a Kennedy, ocupando o lugar vazio do meu outro lado antes de passar ao Kai e a mim dois dos cafés.

— Ainda não. — Levanto o meu copo. — Obrigado.

— Sempre às ordens, Monty.

— Feliz primeiro dia oficial, doutora Rhodes.

As minhas palavras fazem com que o Kai sorria de orelha a orelha ao meu lado enquanto olha para a cunhada.

Um calor sobe-lhe às bochechas.

— Obrigada.

A Kennedy não só é a nova médica-chefe da equipa, como também é casada com um dos jogadores, o irmão mais novo do Kai, o Isaiah.

Os irmãos Rhodes tornaram-se parte da minha família desde que viemos todos parar a Chicago. Há alturas em que assumo um papel mais paternal em relação aos dois quando precisam. Não há uma diferença de idades muito grande entre nós, pouco mais do que uma década; pelo que, noutras alturas, sou simplesmente amigo deles.

Sim, ambos foram meus jogadores e eu o treinador deles, mas o nosso laço é muito mais forte do que isso. Acontece que o Kai vai casar com a minha filha em breve e o Isaiah casou com a médica-chefe da equipa, com quem eu trabalho com bastante proximidade, tornando-nos um grande núcleo familiar que não partilha laços de sangue.

— Vejo-vos mais tarde ao jantar? — pergunta o Kai.

A Kennedy assente com a cabeça.

— Lá estaremos.

— Igualmente — confirmo.

Mesmo com o barulho na sala de visionamento, consigo ouvir o ranger da porta de forma perfeitamente nítida, e o som faz com que cada um dos meus músculos se contraia numa onda de tensão.

A Reese é a última a chegar e, assim que um dos seus sapatos de salto alto passa o limiar da porta, a minha atenção recai imediatamente sobre ela.

Cabelo loiro curto que termina abruptamente abaixo do queixo. Saia travada cinzento-carvão que lhe realça as curvas. Olhos azuis-escuros impossíveis de decifrar avaliam friamente a sala.

E quando estes se fixam em mim, gritam silenciosamente o quanto ela não gosta de mim.

Bem, retiro o que disse. Pelos vistos, ela é bastante fácil de decifrar no que diz respeito a mim.

O olhar nada impressionado dura apenas um segundo antes de ela desviar a atenção e continuar até ao pódio na frente da sala.

Não sei o que há em mim que a incomoda tanto, o que lhe causou tão má impressão, mas sinto o mesmo em relação a ela.

Todavia, eu tenho os meus motivos.

Em primeiro lugar, a mulher passou a totalidade da época passada a informar-me que o seu primeiro ano como dona oficial da equipa seria o mesmo ano em que o meu contrato seria renegociado. Como se tivesse de me lembrar verbalmente de que o destino da minha carreira está nas suas mãos esta época.

Segundo, já anda em cima de mim por causa de horários, orçamentos e realocação de fundos, como se *eu* fosse a razão para certos departamentos da organização estarem a operar no vermelho, e não porque o avô não tinha energia para se manter a par dos assuntos. Na verdade, não há uma célula no meu corpo que queira ter algo que ver com a parte administrativa do clube, desde que os meus jogadores sejam bem tratados. Tudo o que eu quero é treinar basebol.

E, por último, a maior falha de todas… ela tem *aquela* aparência.

A minha nova chefe não é apenas uma dor de cabeça, é também *deslumbrante* e a primeira mulher a quem o meu corpo decidiu prestar atenção desde sabe Deus quanto tempo.

Eventualmente, o resto de mim vai receber a mensagem de que não gosto dela. Só que isso pode acontecer apenas quando estiver a arrumar a minha secretária no fim da época, porque a minha nova chefe se recusa a renovar o meu contrato de treinador.

— Estás bem? — pergunta o Kai com uma leve cotovelada no meu braço.

Aclaro a garganta.

— Sim, claro.

— *Okay*.

A palavra está envolta de um tom incomodativamente sabedor que não passa despercebido quando se inclina para a Kennedy e os dois partilham um olhar.

— Eu vi isso — resmungo.

A Kennedy ri-se.

— Não estávamos a tentar escondê-lo.

De pé na frente da sala, a Reese diz algo aos presentes, mas a multidão está tão barulhenta, com o entusiasmo de ver os colegas depois do defeso, que ninguém lhe presta atenção ou tenta ouvi-la.

Observo a sua garganta engolir em seco, como se estivesse a reprimir os nervos, e os punhos cerrados no pódio. E compreendo. Não só é a primeira mulher a ser dona de uma equipa na história da MLB, como é a mais nova.

Mas a Reese é uma chefe. Não apenas a *minha* chefe, mas uma *chefe* que faz as coisas acontecerem, que não atura merdas de ninguém. Vi-o quando estava a receber formação para esta nova função. Ela é a razão para a Kennedy estar aqui a ocupar o cargo que já devia ser dela há anos. A Reese viu o que o avô não viu, que o anterior médico-chefe da equipa era um machista de merda, e lidou com o assunto. Demitiu-o e ofereceu o cargo à Kennedy, fazendo dela a primeira mulher no cargo de médica principal de uma equipa da liga.

Por muito que não goste da ideia de trabalhar para alguém que não me quer aqui, a Reese vai ser uma lufada de ar fresco para esta organização. Mas, primeiro, vai ter de sobreviver a esta reunião de *staff*.

Ela abre de novo a boca para falar, porém não lhe saem as palavras, retraída pelos nervos, e toda a sala está demasiado ocupada com as suas

próprias conversas para se dar conta de que ela está a tentar chamar-lhes a atenção. Tem os nós dos dedos brancos devido ao aperto firme em torno do pódio, os joelhos tremem ligeiramente, o que apenas consigo ver por estar sentado na primeira fila.

As risadas e conversas atrás de mim estão a irritar-me por ela.

Foda-se. Repreendo-me mentalmente pelo que estou prestes a fazer. A culpa é da minha filha. Ela é a razão pela qual sou tão coração de manteiga.

— Ei! — Levanto-me, virando-me para a sala, e todos os olhares recaem em mim imediatamente. — Vamos lá mostrar algum respeito, sim?

A sala fica silenciosa com o meu tom de voz.

— Porra — murmuro entre dentes.

Sim, na maioria das vezes pareço um canalha maldisposto, um pouco intimidante devido ao meu tamanho e tatuagens, mas toda a gente que me conhece sabe que sou um tipo simpático até me irritarem. E isto está a irritar-me.

Sento-me de novo, sentindo a atenção da Reese em mim, e demoro um momento até retribuir o contacto visual e olhar para ela.

Ela faz-me um aceno de cabeça seco, assumindo um tom totalmente profissional quando diz:

— Obrigada, Emmett.

E depois há isto… *Emmett*.

É a única pessoa em toda a cidade de Chicago que usa o meu primeiro nome quando todos os outros me chamam pela minha alcunha. E sei que o faz de propósito, como se recusasse permitir-se qualquer tipo de confortabilidade entre nós. É como se, mais uma vez, quisesse lembrar-me de que é minha chefe, que sou seu funcionário e que, independentemente do tempo que estamos prestes a passar juntos nesta época, não somos amigos nem nunca o seremos.

Isso fará com que lhe seja muito mais fácil despedir-me no final do ano.

Fantástico.

— Para os que não me conhecem, o meu nome é Reese Remington. — Com a sala em silêncio, ela dá início à sua primeira reunião de *staff* com confiança. — A nova dona dos Windy City Warriors.



— Emmett.

Estou a meio de uma conversa com alguns dos tipos do meu *staff* técnico. A reunião terminou, por isso a maioria está simplesmente a pôr a conversa em dia antes de se ir embora.

— Posso dar-lhe uma palavrinha? — continua a Reese.

Inspiro fundo pelo nariz, recompondo-me enquanto me viro para ela.

— A Reese é quem manda.

— Estou surpreendida por se lembrar disso. — O olhar dela percorre o grupo dos meus vídeo-*coaches*. — No meu escritório, por favor.

A Reese vira-se nos seus sapatos de salto alto, dirigindo-se diretamente para a porta, esperando que a siga.

Coisa que faço, obviamente.

De mãos nos bolsos, saio da sala de visionamento atrás dela, sigo-a pelo corredor e subo dois lanços de escadas, em direção ao seu escritório.

Mantenho a cabeça baixa, em parte para evitar ver as suas ancas pecaminosamente largas a bambolear de um lado para o outro com cada passo que dá, mas sobretudo porque me sinto como um miúdo que se meteu em sarilhos e foi chamado ao gabinete do diretor da escola, e não como um treinador principal de longa data com um histórico de vitórias e detentor de um anel da World Series.

Os meus maxilares permanecem tensos durante todo o caminho até ao seu escritório, mas a minha pastilha elástica oferece uma boa distração para quem quer que possa estar a observar esta interação. Os meus jogadores e *staff* sempre me consideraram um tipo descontraído e confiante.

Porém, no que diz respeito à Reese, sinto-me completamente o oposto.

Quem sabe o que ela me vai atirar para cima no primeiro dia desta nova época. Tudo o que sei é que está a começar. A sua missão para provar a si mesma que não precisa de renovar o meu contrato no próximo ano começa hoje.

Assim que chegamos ao último piso, ela dobra a esquina para o seu escritório e eu sigo-a, no entanto, paro abruptamente junto à secretária vazia da rececionista que se encontra mesmo em frente à sua porta.

— Onde está a Denise? — Quando a Reese não responde, olho-a nos olhos. — Despediu a Denise? A sério?

Eu compreendo que a mulher queira tornar este lugar seu, mas despedir a rececionista do avô, que trabalhava aqui há tanto tempo quanto o Arthur? Mas que porra?

A Reese semicerra os olhos quando olha para mim.

— É claro que não despedi a Denise. Conheço-a desde que nasci, mas ela queria reformar-se, apesar das vezes que lhe implorei para que ficasse. Só não encontrei quem a substituísse ainda. Por muito que não queira acreditar, eu não sou um monstro, Emmett.

A Reese não me dá hipótese de responder, o que é provavelmente pelo melhor, e continua a avançar para o escritório, fechando a porta quando entro.

As enormes janelas com vista para o campo são a primeira coisa que me chama a atenção, tal como faziam sempre que me reunia com o Arthur ao longo dos últimos sete anos. A vista daqui de cima é provavelmente uma das melhores da cidade, e não consigo imaginar melhor lugar para assistir a um jogo de basebol.

Quer dizer, tirando o meu lugar privilegiado na grade do banco.

Embora a vista seja a mesma e este escritório seja tecnicamente o mesmo onde estive inúmeras vezes, parece irreconhecível quando comparado com aquele que o Arthur costumava ocupar.

A Reese atualizou a secretária para uma mais elegante e moderna, ao contrário da mesa pesadona onde o Arthur se costumava sentar, sempre coberta de pilhas de papelada e que albergava um computador desatualizado. A cadeira dela é cor de marfim e dourada, em contraste com a de couro castanho-escuro rachada que costumava residir naquele lugar.

As pilhas de tralha que o Arthur acumulara ao longo das últimas quatro décadas não se encontram em lado nenhum, e o escritório da Reese é agora luminoso, leve e limpo. Elegante, moderno e neutro.

Exatamente como eu descreveria o seu estilo, se alguma vez me permitisse admitir que reparei nele.

— Sente-se — diz ela, fazendo um gesto para uma das cadeiras novas em frente à sua.

Por um milésimo de segundo, permito-me acreditar que talvez queira estabelecer uma trégua entre nós. Que sabe tão bem quanto eu que este ano vai ser um pesadelo se não nos dermos bem. Mas essa ideia dissipa-se rapidamente quando diz:

— Vai ter de despedir um dos vídeo-*coaches*.

— Desculpe?

— Tem três no *staff*, quando sempre tivemos apenas dois. Não temos margem salarial para pagar a três pessoas.

Mas que porra?

— O Arthur deu-me autorização no fim da época passada para acrescentar um terceiro. Acabei de contratar alguém. Não posso despedi-lo.

— Não pode ou não vai?

Olho-a diretamente nos olhos.

— Não vou.

— Ele nunca o deveria ter permitido. O orçamento está um caos porque o meu avô deixou de lhe prestar atenção. Não temos fundos para pagar a três pessoas.

— Então, tire do meu salário.

A Reese sobressalta-se com as minhas palavras, permanecendo calada por um instante enquanto considera a minha declaração súbita.

— Não. Não se trata apenas do salário. É a despesa adicional de quartos de hotel e refeições durante as viagens. Não precisamos de um terceiro.

— Bem, eu não vou despedir um dos meus homens. Dois deles estão comigo desde sempre e o terceiro acabou de subir da equipa da segunda liga. A família acabou de se mudar para cá e a mulher está bastante grávida. Ele precisa do aumento no salário.

A Reese não mostra emoção absolutamente nenhuma, mantendo aqueles olhos azuis-escuros inexpressivos.

— Só vou pagar a dois, como tal, a escolha de quem sai é sua.

Bem, lá se vai o «Eu não sou um monstro, Emmett».

Consigo sentir as minhas mãos a agarrar com cada vez mais força os braços da cadeira, consigo sentir o meu maxilar a ficar tão tenso que provavelmente deveria começar a ficar preocupado com os meus dentes.

— Isso não vai acontecer, Reese. Arranje o dinheiro noutro lado qualquer, ou tire do meu salário. O seu avô nunca me pediria para despedir alguém que precisasse de um emprego.

Exasperada, ela desvia o olhar, focando-se em algo no seu computador.

— Pode ter tido o meu avô na palma da mão, mas eu não sou como ele. As coisas vão ser diferentes este ano, Emmett. Mais vale começar a habituar-se à ideia.

Sim, as coisas vão mesmo ser diferentes, sem dúvida.

E odeio essa ideia.



— Monty! — É a primeira coisa que ouço quando abro a porta da casa da minha filha. — Pintas comigo?

— Claro que sim!

Pego no meu miúdo de três anos preferido, encaixando-o na minha anca e fechando a porta atrás de mim.

— Tive saudades tuas, Max.

Ele derrete-se no meu ombro, já de pijama vestido e pronto para a cama, quando o levo até à cozinha para encontrar os pais.

— Olá, pai — cumprimenta-me a Miller, ao mesmo tempo que me dá um abraço rápido de lado.

Dou-lhe um beijo no cimo da cabeça antes de ela pegar no prato de massa que fez para o jantar e entrarmos na sala de jantar.

Cumprimento o Kai e o Isaiah com o punho quando os vejo à mesa, e pouso o Max no chão. Ele puxa-me pela mão para me sentar na cadeira onde o livro de colorir e os lápis de cor estão pousados, sobe para o meu colo e escolhe uma cor para eu usar, pedindo-me silenciosamente que o ajude a preencher a imagem desenhada.

— Desculpem, era a nova preparadora física que contratei — diz a Kennedy ao desligar o telefone e se sentar no lugar desocupado ao lado do marido. — O voo dela foi cancelado, por isso só chega amanhã. — Solta um suspiro, a olhar para a comida na mesa. — Obrigada por nos fazeres o jantar. Ainda não desempacotámos o suficiente para encontrar os pratos.

O Max levanta a cabeça.

— Ken — diz ele, sorrindo para a tia.

— Olá, Piolho.

O Kai prepara um prato com massa e salada para a noiva.

— Nós passamos por lá amanhã e acabamos.

— Posso fazer com que seja obrigatório — interrompo. — Digo à equipa para ir a tua casa e ajudar a nova médica-chefe da equipa.

— Ou eles podiam simplesmente ajudar o colega de equipa porque me adoram — acrescenta o Isaiah.

— A Kennedy é responsável pelo tratamento médico deles — lembra-lhe o Kai. — Acho que se vão sentir mais inclinados a dar-lhe graxa do que a ti.

— Monty. Mais.

O Max empurra-me a mão tatuada, a que tem o lápis de cor que não está a trabalhar com rapidez suficiente para ele.

Preencho rapidamente uma das árvores na página.

— A casa é boa? — pergunto à Kennedy e ao Isaiah.

— É perfeita — responde ela com um sorriso.

O Isaiah olha para o irmão mais velho e um entendimento mútuo instala-se entre eles.

— Estou feliz por morarmos mais perto um do outro.

A Miller passa o cesto do pão por cima da mesa, com os olhos fixos em mim por demasiado tempo enquanto o faz.

— Sim? — pergunto, desconfiado.

— Nada.

— Desde quando é que tens filtro, Miller? Desembucha.

— Estava só a pensar como é bom a Kennedy e o Isaiah se terem mudado do centro da cidade e comprado uma casa ao fundo da rua.

— E é bom — concordo. — Para eles.

Ela concentra-se no prato à sua frente.

— Bom o suficiente para que talvez queiras fazer o mesmo?

Solto uma gargalhada.

— Boa tentativa. Estou perfeitamente satisfeito com o meu apartamento na cidade do qual posso ir a pé para o trabalho. Seja como for, vivo praticamente no campo durante a época.

— Pai, só estou a dizer que toda a tua família vive agora nos subúrbios.

— E fico feliz por vocês os quatro serem casais suburbanos felizes.

— Tu também podias estar felizmente em casal, sabias?

Não consigo travar o riso de incredulidade. A minha filha nunca foi pessoa de se coibir de dizer o que lhe passava pela cabeça.

— Credo, Millie.

O Kai abana a cabeça.

— Deixa o homem jantar em paz.

— Oh, não, não, não — diz ela, erguendo o dedo. — Não vais dar uma de Suíça agora. Concordaste comigo quando falámos sobre o assunto ontem à noite.

Ergo uma sobrancelha.

— Vocês os dois estiveram a falar sobre mim ontem à noite? Não têm nada de mais entusiasmante a acontecer nas vossas vidas?

— Só queremos que sejas feliz, pai.

— E o que te faz pensar que não sou feliz? Tenho o meu emprego de sonho e a minha filha finalmente vive perto de mim. Que mais poderia eu querer?

— Uma amiga — interrompe o Isaiah, falando de boca cheia.

— Uma *amiga*? — pergunta a Kennedy, nada impressionada com a escolha de palavras do marido.

— Sim. Uma amiga. Uma namorada. Uma esposa. — Pisca-lhe o olho. — Ou só uma amiga colorida para umas fodas.

Tapo ambas as orelhas do Max com as mãos.

— Que nojo — comenta a Miller com uma careta.

— Oh, vá lá, Miller. Olha para o homem. Achas que o teu pai não tem amigas coloridas? Com *aquele* aspeto? *Por favor*.

— Rhodes — digo, abanando a cabeça. — Cala a boca.

Ele sorri para consigo antes de comer mais uma garfada de massa.

— Com certeza, Mister.

— Sou feliz e demasiado ocupado para me preocupar com o que quer que seja para além do trabalho e de vocês os quatro. — Destapo as orelhas do Max. — Cinco — corrijo.

— Estou só a dizer — murmura a Miller entre dentes. — Talvez seja a tua vez.

Até a Miller conhecer o Kai, nunca mencionou a ideia de eu namorar, mas agora só fala no assunto. Como está tão feliz, quer o mesmo para mim.

E eu percebo, claro que sim, porém já tive a minha vez.

É certo que já se passaram vinte anos desde que estive com a mãe da Miller, e só a tive por um ano antes de a perder, mas experienciei-o. E, então, aos vinte e cinco anos, dei por mim subitamente pai de uma criança em idade pré-escolar que acabara de perder a mãe e que não era biologicamente minha, e fiquei demasiado ocupado para me preocupar com qualquer outra coisa.

Agora, estou com quarenta e cinco, e focado na minha carreira. E feliz, se me permitem dizer, e demasiado ocupado a viver no campo de basebol para conhecer alguém.

Com o prolongar do silêncio, a Miller muda de assunto.

— Como foi a reunião? — pergunta-nos.

— Boa — diz o Kai. — Parece que muita coisa vai mudar este ano, mas a Reese falou bem. Ela é inteligente.

— Pai, correu bem? — O tom da Miller está carregado de apreensão.

— Foi normal.

Não menciono o que a Reese falou comigo — na verdade, foi mais «para mim» do que «comigo» — no seu escritório a seguir à reunião, quando me informou de que ia cortar uma posição de vídeo-*coach*. Não faço ideia se se trata de uma boa decisão de negócios ou não, e nem me interessa. Tudo o que sei é que o salário que ela quer que eu corte pertence a um futuro pai que precisa dele.

Um sorriso começa a formar-se na boca da Kennedy.

— Foi realmente incrível ouvir a visão da Reese para a equipa. Estou entusiasmada por ela ser a nova dona.

E mesmo quando a conversa muda para assuntos que não estão relacionados com o trabalho, o único pensamento que me passa pela cabeça durante o resto do jantar é… *ao menos alguém pensa isso.*